

TABORDA, Célia - *A sermon at Valença celebrating the second Restoration of the Portuguese northern districts in 1809.* p. 215-225

During French invasions, clergymen took an important part as mob union makers, as the paraenetics, almost always enthusiastic of the time shows. In fact, the pulpit was a favourite means of communication at mass level, so they took to sermon when joy or fear led to thank or ask for God's help. In this way, we understand this sermon, which aims to thanking God for the second Portuguese Restoration, but its author seizes the opportunity to fight impiety, philosophism, and Napoleonic imperialism, not forgetting to call to penance, repent and good actions.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira - *Pastoral Writings of the bishop of Oporto Antonio Barroso (1899-1918).* p. 227-270

The bishop of Oporto (1899-1918), Antonio Barroso has drawn attention as a missionary. This essay is an approach to the pastoral writings of this bishop. His teaching is strongly marked by the knowledge of the state of affairs, thanks to pastoral visits; by the assumption of the first importance of the place of catechetical and religious instruction against ignorance; by interest in social questions; by the sensibility towards the ecclesial dynamism made effective in the financial support of the pope; in the enthusiasm for universal ecclesial events and in the care for see clergy, seminaries, organization of the diocesis, liturgy and spiritual life.

At last a list of the works already published is made.

## Notas e Comentários

### Bibliografia de Leonardo Coimbra: Edição completa de *A Filosofia de Henri Bergson* Dois artigos não referenciados

#### I. A FILOSOFIA DE HENRI BERGSON

1. Esta obra de Leonardo Coimbra veio a público no princípio de Janeiro deste ano, embora impressa em Dezembro do ano passado, edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, incluída na «Coleção Pensamento Português».

Para aquilatarmos da sua importância, basta dizer que nela se inclui uma segunda parte inédita, escrita na mesma ocasião que a primeira, e dela separada, apenas por razões editoriais. É o próprio autor que o afirma, na «Advertência» que antepôs ao volume publicado em 1934.

Por outro lado, esta obra do filósofo português não foi contemplada na edição das *Obras de Leonardo Coimbra*, saída no Porto, em 1983, da casa Lello e Irmão - Editores.

Quer dizer, trata-se da segunda edição da obra aparecida em 1934 e da primeira edição da segunda parte da mesma obra. Realiza-se, deste modo, o projecto inicial de Leonardo Coimbra, que era publicar as duas partes num só volume.

Sobre a história atribuída do manuscrito desta segunda parte, faz o signatário desta Nota o relato possível, na «Apresentação». Aí se expendem igualmente os sinais de autenticidade. Apesar de se tratar de cópia dactilografada e não do original manuscrito, os indícios externos e a crítica interna são suficientes para garantir que é autêntico.

Apenas fica em aberto o problema da sua totalidade. Não há prova segura de que a cópia esteja completa. A versão «A» (porque foram feitas duas cópias dactilografadas, restando da versão «B», somente, o duplicado a papel químico) termina abruptamente, com uma frase inacabada. Falta-lhe pois, ao menos uma página. A versão «B» tem uma página a mais, em perfeita continuidade de

discurso, mas não inclui um fecho ou sinal conclusivo. Daí que tenhamos de recorrer ao próprio contexto e a indícios exteriores.

O Prof. Manuel Ferreira Patrício, na sua erudita, tão oportuna e penetrante Introdução, afirma que há fortes razões para pensar que o texto agora publicado é, «no essencial», o mesmo que Leonardo escreveu em 1932. E acrescenta: «ainda que incompleto na parte final e com pequenas alterações ou correcções introduzidas posteriormente à morte do filósofo» (p. 14-15).

As alterações ou correcções estão referidas, em nota, no texto ora publicado e, por confronto de caligrafia, poderiam ser atribuídas ao P. A. de Magalhães. Quanto à sua completude, julgo que não temos certezas.

O texto da cópia «A» apresenta-se, sem dúvida, incompleto. Mas o da cópia «B» acrescenta-lhe uma breve continuação, em perfeita consonância. Embora também ela careça de estilo e forma de conclusão.

A versão ouvida a Álvaro Ribeiro, segundo o qual «o exemplar que ardeu nas Caldeiras (Santo Tirso) era o próprio original dactilografado entregue por Leonardo e que o exemplar que o filósofo de *A Razão Animada* havia visto posteriormente era uma cópia a papel químico do original, completo como este e com texto não duvidoso», não confere totalmente com os documentos encontrados.

Na verdade, existe o manuscrito de Leonardo, respeitante à primeira parte, incompleto e com algumas correcções a lápis, a que o texto impresso se conformou perfeitamente. Como toda a obra foi escrita em Agosto de 1932, a segunda parte foi também e seguramente manuscrita e não dactilografada. Por isso, a cópia dactilografada foi feita certamente depois da morte do autor. E aqui é que surgem as incógnitas.

Foram feitas duas cópias, em épocas diferentes. A que parece mais antiga, foi completada e corrigida por duas mãos diferentes. A segunda, de que só resta o duplicado a papel químico, não tem qualquer correcção manuscrita e apresenta muitas mais lacunas. Mas, por outro lado, tem a continuação do texto que falta na primeira, até ao que parece ser o seu final. Pelo menos, não se vê qualquer razão para que não continuasse por mais páginas, se elas existissem na fonte. Mas também nada nos garante que a fonte estava completa.

Daí que o testemunho de Álvaro Ribeiro seja muito importante para assegurar a autenticidade da cópia, pois que alguma certamente existiu e por ele controlada. Mas não nos garante a sua integridade.

Fica-nos, pois, a probabilidade de o texto original não ser muito mais extenso, porque a isso nos induz o confronto com as outras obras de Leonardo. Com efeito, a temática versada no 2º capítulo — a metafísica bergsoniana — é sempre sucinta e tem a mesma proporção que nas outras obras principais. O máximo que podemos dizer, face às informações disponíveis, é que o texto da segunda parte é praticamente completo, o que não significa certamente completo.

Isto é confirmado pela crítica interna, pois a proposta inicial de expôr a metafísica integral de Bergson, seguindo o seu desenvolvimento e progressão até à última obra, chega claramente ao seu termo, com a crítica do monismo

bergsoniano e a abertura para o conceito cristão de criação e de Deus como acto puro.

2. A importância desta obra sobre Bergson é posta em relevo pelo Prof. Manuel Ferreira Patrício, na Introdução, através do confronto com estudos similares de Édouard Le Roy, em 1912, que Leonardo cita; de Manuel García Morente, em 1916; de Farias de Brito, em 1914; e, finalmente de Henri Hude, em 1989. Este veio renovar a crítica do pensamento de Bergson, pois foi o primeiro a fundamentar-se num conhecimento completo e preciso das duas metades da sua obra — a publicada (*Oeuvres et Mélanges*) e a ignorada e inédita, por vontade expressa do seu autor (*Cours*). Os dois volumes que a compõem, sob o título *Bergson*, vieram dar uma oportunidade inesperada à edição completa do estudo de Leonardo Coimbra e constituem um ponto de referência indispensável para apreciar a justeza da sua crítica.

Leonardo parte da última obra de Bergson, para a primeira e, depois, para as outras, seguindo a ordem cronológica. Foi, certamente, a descoberta das afinidades de *Les deux Sources de la Morale et de la Religion* com o seu próprio pensamento que lhe despertou o entusiasmo e o desejo de confronto. E escreveu o único estudo monográfico sobre um filósofo. Tinha já publicado dois, mas sobre poetas: Guerra Junqueiro e Antero de Quental.

Isto demonstra o lugar cimeiro que Bergson ocupa na escala das influências recebidas por Leonardo. Não é sem razão alguma que António Sérgio o taxou de bergsonista e António Sardinha fez o mesmo.

Leonardo nomeia Bergson nas suas obras e escritos dispersos, excluída esta, 271 vezes e os derivados bergsonismo(os), bergsonista(as), bergsoniano(a) e bergsonico(a), respectivamente, 48, 63 e 2 vezes. A primeira referência data de Janeiro de 1910 em «A Águia», apelidando-o de «o mais paradoxal artista e o mais profundo filósofo». Entre os filósofos citados, apenas Kant o superou e largamente.

3. No entanto, Leonardo não se limita a fazer uma exposição compreensiva da doutrina bergsoniana; junta-lhe uma inteligente e perspicaz crítica. Esta é a novidade da segunda parte, nos dois capítulos: a epistemologia e a metafísica bergsoniana. Aí claramente se demarca da teoria da ciência e do conhecimento, bem como da metafísica mutacionista do filósofo da intuição e se aproxima da metafísica cristã, na versão aristotélico-tomista.

Há cinco pontos em que isto se comprova. O primeiro surge como comentário à solução aristotélica para a relação entre alma e corpo, ou espírito e matéria.

Depois de definir a metafísica integral de Bergson, na sua evolução até à última obra — «a metafísica de uma realidade de criação de almas, trazendo consigo como exigência implícita a matéria e a vida, que, acompanhando essas almas, lhe fazem condições de mérito no esforço, de crescimento na invenção, de heroísmo no amor, capazes de darem às almas o alimento espiritual de uma vida nova, a vida religiosa, com exigências e promessas de infinito e eternidade.» (p. 219) — passa a descrever a sua progressão, ao ritmo das várias obras.

E o primeiro problema com que se defronta é precisamente o da relação do corpo com a alma. Ora, entre as soluções possíveis, aponta o monismo à Espinosa, o dualismo, com harmonia pre-estabelecida, de Leibnitz, o hilemorfismo de Aristóteles: «*duas realidades complementares (substâncias — actividades com lei ou forma aristotélica) subordinando-se uma à outra, como a matéria aristotélica é pela forma que a actualiza*». E comenta deste modo a terceira hipótese:

«*Esta última solução é a única que não solicitou grandemente os filósofos contemporâneos, e, por isso mesmo, é a que hoje, uma vez revivificada, mais futuro tem diante de si.*» (p. 221)

Nenhuma destas foi adoptada por Bergson. Para ele, a chave da solução encontrou-a na vida, enquanto nela se abraça o espírito com a matéria, isto é, encontrou-a numa síntese superior da realidade e estendeu-a a toda a realidade, ou absolutizou-a, identificando o «élan vital» com o próprio ser e afirmando o radical mutacionismo do mesmo ser.

Mas aqui levanta-se outro problema: como conciliar a concepção da vida como um contínuo jorramento criador com a liberdade da alma? Está esta liberdade ao serviço de uma libertação final, ou é sujeita a ciclos repetidos, ao eterno retorno?

Pelo último livro do filósofo da intuição se vê «*que as almas se libertam pelo amor e para o amor e que a fisionomia última do Universo é uma máquina de fabricar deuses.*» (p. 224)

Em virtude do transformismo radical do ser, esta fase final da sociedade de almas amantes torna-se um terminus fatal da evolução. Ora, o bergsonismo não perderia o seu sentido de libertação pela liberdade, se o equilíbrio do ser na sociedade das almas em amor fosse atingido pelos méritos das mesmas almas, ou fruto da sua liberdade. «*Todas as almas podendo libertar-se, todo o fluir das coisas podendo encerrar-se na autêntica actividade das almas em amor.*» (p. 225)

E, por este caminho, Leonardo corrige o bergsonismo, superando uma das suas incongruências ou aporias e abrindo-o à metafísica cristã: «*Eis o bergsonismo aproximando a sua metafísica da grande metafísica cristã.*» (p. 225)

Num segundo ponto, a correcção do bergsonismo é feita sob o influxo da metafísica aristotélico-tomista renovada: a propósito do problema do ser e do devir.

Toda a metafísica bergsoniana depende da ideia de uma radical mutabilidade do ser. Só o devir existe, para Bergson, o devir puro e simples, porque, se admitimos, no devir, uma forma aristotélica de acções, desaparece a liberdade metafísica, uma vez que essas acções serão predeterminadas por aquela forma.

No entanto, ele admite que o devir se distingue por ritmos diferentes, ou seja, o da consciência, o da matéria, o da vida, o da supraconsciência originária e até o dum jorramento consciencial criador. Ora, estes ritmos são formas e, por isso, o mutacionismo já não é radical, mas hierárquico, ordenado, supondo diferenças, que são leis de acção ou formas de actividade e supõem um princípio dinâmico ou substância.

Quer dizer, Bergson oscila entre um activismo radical e um mutacionismo mitigado. Mas Leonardo aponta outra solução:

«*Se em vez de puro mutacionismo nós admitimos um substancialismo dinamista, salvamos o activismo, sem nos perdermos no inabordable caos de um radical mutacionismo, ou nas fantasmáticas representações dum absoluto idealismo.*» (p. 227)

Como está longe da recusa de todo o substancialismo ou cousismo da fase inicial criacionista!

Resolvido deste modo o problema do ser e do devir, fica aberto o caminho para a solução do problema do uno e do múltiplo — terceiro ponto:

«*Do mesmo passo nos salvamos do monismo absorvente, onde o pensamento bergsonista se perde, quando faz das consciências retalhos do Absoluto cortados pela resistência da matéria e dos sistemas físicos, coisas artificiais cujas relações são a linguagem deformada em que a Unidade do Todo afirma a sua radical duração.*» (p. 227)

De facto, Bergson afirma o pluralismo, mas como resultado do monismo de um jorramento, onde se fazem os movimentos ascensionais, que, desfeitos parcialmente, ou em queda, originam a matéria. A vida também se divide em tendências complementares. Mas esta divisão só se explicaria por uma contradição inscrita na própria tendência e, por isso, na sua origem. E então teríamos um dualismo originário.

É certo que na última obra, ultrapassa a hesitação entre monismo e dualismo, através dum pluralismo social de almas amantes e divinizadas. Mas levanta-se depois o problema da explicação deste pluralismo das almas. E de novo surge a tentação dos ciclos renovados ou dos jorramentos sucessivos e das mortes e renascimentos infínitos.

Leonardo demarca-se claramente das insuficiências e das «incoerências arquitectónicas», do bergsonismo, pela perfeita assimilação dos conceitos judaico-cristãos de criação no tempo e de Deus como acto puro:

«*Tocamos aqui os mais insondáveis mistérios da Criação, mas, por mais profunda que seja a visão bergsonista, não nos parece necessário, para salvar a irreductível verdade do activismo do experiencialismo do ser, pôr dum certo modo a evolução em Deus, pois que ele criaria incessantemente no tempo as consciências que hão-de fazer a odisséia do seu naufrágio lastimoso até à reconquista de Ítaca para que em permanente saudade se polarizam.*» (p. 228)

Isto é confirmado em mais de dois lugares, quarto e quinto, em que entra em jogo a analogia do ser e a sua matriz histórica.

Critica o monismo da duração concreta ou do «evolucionismo criador», à luz da analogia do ser e da teoria do acto e da potência:

«*Aristóteles, melhor, o aristotelismo tomista, dirá que o ser é analógico, isto é, não se pode fazer uma atribuição de ser, como se tal atributo fosse sempre o mesmo.*» (48) «*Aqui mais de acordo com a análise da experiência, como veremos, do que Bergson*» (p. 145).

Examinando a teoria bergsoniana do conhecimento e o modo de superar a oposição do sensível e do inteligível afirma:

«*O ser é sempre apreendido pela intuição (inteligência) e apreendido em modos analógicos de ser, como dizem e muito bem, os pensadores tomistas*» (p. 217).

O tempo não é nada sem os seres que o geram, através das suas actividades, que por ele são medidas. Implica uma série de inclusões e exclusões e não se compreende no acto puro. Este não pode conter exclusões. Porque Bergson as coloca ocultamente na natureza da tendência global originária, é que pode encontrar o mundo preso nas malhas da temporalidade e, portanto, não atinge o perfeito e intemporal conceito de criação; «*mas o mundo não é no tempo, é o tempo que é no mundo, não só porque ele dura, mas porque a sua duração é insuficiente, pois só dura excluindo e incluindo.*» (p. 229)

Nestes pontos fulcrais de toda a metafísica, Leonardo Coimbra critica penetrantemente, desenvolve e completa o bergsonismo integral, no sentido da metafísica cristã, de cariz aristotélico-tomista. E, do mesmo passo, supera as aporias e defeitos do seu próprio Criacionismo, na fidelidade às suas intuições fundamentais. A integração das categorias ou utensilagem de um Tomismo renovado clarificou a sua metafísica e libertou-a definitivamente dum panteísmo que o colocava mais próximo do panteísmo, do que do verdadeiro teísmo.

## II. DOIS ARTIGOS NÃO REFERENCIADOS

Nas bibliografias de Leonardo Coimbra até hoje publicadas, notava-se uma lacuna inesperada. Depois do primeiro artigo, aparecido em 16.4.1905 (*O Diário*, ano V, Lisboa), só quase dois anos depois, Leonardo voltaria a escrever: 2.2.1907 (*Nova Silva*, ano I, Porto).

Procurando verificar se Leonardo realizara efectivamente o desejo de escrever um artigo para o jornal *O Norte*, sobre o livro *Vida Etérea* de Teixeira de Pascoaes, desejo manifestado ao poeta, no seu primeiro encontro com ele, em 1906, no Porto (Cf. Mário GARCIA, *Teixeira de Pascoaes*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1976, p. 42, n. 2), verifiquei que, na verdade, o novel escritor não tinha interrompido a sua actividade literária, mas a continuou em 1906, com dois artigos, pelo menos, no referido jornal republicano, que então se publicava no Porto. Ambos são de índole doutrinária e de intervenção ideológica, embora com pretextos concretos e pessoais, ou perfeitamente situados nas polémicas do tempo, e revelando uma tomada de posição fundamentada em preocupações humanistas e morais. Um defende Guerra Junqueiro dos ataques em tertúlia de café; outro defende Nackens dos rigores de uma justiça legalista e insensível à superioridade das atitudes morais.

Aqui se transcrevem, para favorecer a sua acessibilidade.

### 1. *Guerra Junqueiro*. *O Norte*. 1906 (1950) p. 1.

«— *Aqui, ao lado, entre um mau fumo e um péssimo café, ouvimos o nome de Guerra Junqueiro, numa voz melíflua, gélida, pegajosa; olhamos, e um arrepió singular põe-nos nos nervos uma dolorosa impressão de cólera e tédio.*

*Numa salivação dispéptica dois mastodontes felpudos grunhem misérias: — Ah! o Guerra Junqueiro de outrora! Hoje está por baixo... até carola.*

*Um sorriso lorpa, um rebolar de olhos pretensioso de expressivo e o outro patusco regouga:*

*- Está esgotado... mas devia ter-se poupado à vergonha duma penitência pública.*

*Ouvimos. E, na imaginação como no sonho daquele da bíblia, uma escada de luz envereda ao céu, e numa auréola mais intensamente luminosa.*

*Alguém sobe ...*

*Guerra Junqueiro aparece-nos, na sua fase revolucionária, um destruidor atlético, derrubando, ao camartelo da ironia, todos os vícios e prejuízos, erros e crimes duma sociedade pulha, falsa e assassina. É um pensador hercúleo, indomável, feroz, crendo só na Razão, pedindo à Ciência a definição da Vida, entrevendo, em visões dum sentimentalismo precursor, um fim sublime a atingir, um imenso Ideal a escalar. A Razão derruba impiedosamente todas as ingénuas crenças do catolicismo da infância e, na aridez desoladora dessas ruínas, o coração sangra dúvidas, a alma anseia ideais. Mas n'Ela a intelectualidade vence e a afectividade satisfá-la, por agora, o Ideal-Humanidade.*

*É um vendaval ciclónico, que arranca, torce, despedaça tudo o que é importuno, tudo a que a inteligência se recusa a dar expressão.*

*Sentimentos vagos, desejos incoerentes, fluxo e refluxo de crenças, sonhos vaporosos, anseios místicos, o mundo infinito de seres pela linha ancestral, tudo é soberbamente esmagado pelo raciocínio incorruptível e titânico.*

*Às vezes referve, represa, uma alma imensa de Poeta como, depois de Camões e João de Deus, jamais viram olhos portugueses. Às vezes, num débil gemido de criança magoada, o metafisicismo ancestral interroga o Infinito, as pernas dobram-se e o joelho raze a terra; mas a espinha dorsal é inflexível, e, num leonino gesto de soberba, a cabeça ergue-se ao céu, majestosa, olímpica, divinizada num nimbo de revolta, que sai em chispas dos olhos negros e profundos.*

*A implacável, a rígida Ciência é despótica, é cruel; mas é bela e o Génio é o seu amoroso criador.*

*Dessa fúria destruidora é toda uma obra admirável, enorme e cheia de ardor e de febre, vibrante como um clarim de guerra, feroz como a gargalhada dum deus.*

*Procura o preconceito, olha-o defrente e esse homem, fisicamente pequeno, possui a heroicidade antiga, electriza-nos num calafrio de assombro pelo seu arcaboço de lutador invencível e selvagem.*

*Procura o padre na adega, no confessionário, no púlpito, na cama... no alfaiate, e o padre precisa de benzina, fêmea, alfabetismo, vergonha, amoníaco.*

*Procura o homem debaixo da sotaina, e encontra-o adormecido, morto, deformado...; mas possui o talismã de o acordar, ressuscitar, compôr, e daí a suprema culminância da fase negativista — o Melro.*

*Mais um passo e o Ideal-Humanidade entranha-lhe na alma uma sede ardente de felicidade, uma infinita e bondosa esperança.*

*Por amor da Ciência dilacerou a alma, abandonou crenças, esfacelou-o o espinho do desânimo, cortou-o a agonia da solidão, fez do coração um cemitério frio de ilusões mortas, sonhos desfeitos, ideais estrangulados, aspirações esmagadoras.*

*E estas agonias espirituais são, oh! nédios burgueses a quem vislumbro um odioso sorriso de infame imbecil, bem piores que as nossas dores de calos. É doloroso ter de falar de Guerra Junqueiro, num país onde a intelectualidade cristalizou essas bestas graúdas, que por aí andam rotuladas de talentos. Estou a ver o risinho sonso de alguns, o aparvalhado encolher de ombros de alguns outros. Ficai sabendo rubicundos burgueses: não falo às vossas almas gráficas, aos vossos cérebros ausentes.*

*Adiante...*

*A Ciência ergue-o nos braços, e, abraçando-o amorosamente promete-lhe todo um poema de verdade e de luz. É pela Ciência que empreende os fundamentos duma Sociedade nova, de justiça, de paz e de bondade.*

*É à luz da ciência que o coração se lhe ilumina de Fé. E no coração esta fulgurante verdade: A humanidade, arrastada pelo crescente sentimento de solidariedade, para garantir a existência, há-de torná-la a expressão dessa solidariedade.*

*E uma onda suavíssima de esperança e ventura enche aquela alma de serenidade e crença.*

*A energia desperta, e intensa, tenaz, contínua, encaminha a vida para a Verdade, para o bem, para o Ideal sonhado pela Consciência, resolvido agora pela Ciência.*

*E, numa vertiginosa ascensão espiritual, sobe sempre, arrastado pelo sentimento irmanado agora com a inteligência. Atinge o ápice dessa esplendorosa órbita no menos compreendido e no mais sublime de todos os seus gestos — A Oração à Luz.*

*O amor, enredado ao princípio nas mentiras da sociedade actual, é limitado pela Razão, que procura o sentido da Vida, a verdade do Preconceito, e que é a energia factora da fase negativista, posta em relevo na Velhice do Padre Eterno, na Pátria, que é o clamor de revolta de um povo, o brado vingador de uma raça, e na Morte de D. João, a mais poderosa síntese dos vícios duma época gangrenada e pútrida.*

*A Ciência, legitimado o amor, libra-o palpitante, imenso, infinito, estendendo-se ao Universo, acariciando a Natureza nos afagos da sua ansiedade.*

*As possibilidades da sua complexidade orgânica, o turbilhão das suas infinitas vidas n'Ele integradas, os atavismos da sua alma múltipla são compostos numa resultante fecunda, esplêndida, divina — o Amor.*

*A Oração à Luz é um evangelho de Moral Cósmica. Não é uma doutrina de filosofia hirta, é um panteísmo transcendente em que as coisas são vivificadas pelo sentimento. É o socialismo universal comungado no Amor. O socialismo humano é um egoísmo zoológico, o socialismo terrestre um egoísmo cósmico, só o socialismo universal é verdadeiro, absoluto, perfeito.*

*Prendendo-o ao passado, rasga-lhe o Caminho da Eternidade, na imortalidade da matéria irmã soluçando desesperos, contando esperanças, semeando luz, germinando dores. E, no ciclo eterno da Vida, os átomos desejam-se, sentem-se, procuram-se, amam-se e desabrocham quimeras, florescem virtudes. Amor perfeito há-de ser infinito: amor animal - ódio, amor humano - ódio, amor cósmico - justiça, verdade, luz: semente da Vida.*

*Lábios que se colam — poema d'Amor, ascensão sublime, perfeição infinita — Deus. Olhos que choram — balada de saudade, linguagem d'Amor, rosário de Dôr — Deus.*

*Uma lágrima reflete um astro, o céu é o espelho da alma. Um beijo resume um astro. Um sonho que morre é uma estrela que nasce. Transformação eterna, vida eterna: órbita - Infinito, foco - o coração.*

*Metafísica? Não, explosão duma alma que se não basta, inundação dum sentimento que só o Infinito pode conter. Negação da sua obra anterior? Não; coroação soberba que os homens não tocam porque é infinita, que os homens não vêem porque é divina.*

*Suprema Arte! Genésica, fecunda, hino de Luz, Canção de Vida.*

*Pondo-nos no peito um infinito amor, ergue-nos invencíveis a uma aspiração ilimitada, a um Ideal insaciável. E só um caminho leva ao país de ouro da sua Bela Crença — o do Bem. O amor é incorruptível, leva-nos a viver no Infinito, mas havemos de muito ter vivido na Humanidade.*

*Está mais perto do coração e todo o amor que afaga o Universo envolve-a nos estos das suas carícias de fogo.*

*Algures Victor Hugo chamou à pena de morte uma amputação bárbara; o egoísmo social em nome do senso prático é uma amputação besta.*

*Sonhar quimeras é trabalhar realidades futuras. Amar o Universo é prescrutá-lo, estudá-lo, preparar uma revelação. A indiferença é o crime máximo. O sentimento é a mais poderosa alavanca do homem. Pensar sentindo é cumprir, realizar. Olhar o problema social com o cérebro é resolvê-lo em possibilidade, senti-lo com o coração é resolvê-lo em realidade.*

*A chama do pensamento extingue-se, se a não atija um grande anseio de alma. Um Newton que descobrisse a lei da gravitação social precisaria um Cristo, que a traduzisse na linguagem do Amor.*

*Porto, 14 de Maio de 1906*

*Leonardo Coimbra».*

## **2. Justiça e Liberdade! Francisco Ferrer. O Norte. 1906 (2052) p. 1.**

*«Pela voz do generoso publicista e erudito eminente Sampaio Bruno, um apelo, portador do brado mundial, foi feito à mentalidade portuguesa.*

*Trata-se dum afago à humanidade, partido de corações generosos e erguendo revoltados as inteligências ciosas de liberdade de se alarem pelo infinito do pensamento, do dever de se garantirem como garantia que são da dignidade humana.*

*Que o perigo do pensamento encarcerado, da dignidade moral estrangulada, da consciência mutitada por leis regressivas una os homens livres de todo o mundo e faça do fogo das suas almas puras um clarão imenso onde fulgure radiosa a Justiça, onde abra os seus olhos de luz à Bondade.*

*Na profunda inconsciência da humanidade actual erguem-se de longe em longe astros de verdade, que alumiam um horizonte infinito de esplêndidas realidades. São os homens em quem se revela a consciência do seu destino cósmico.*

*E não é uma lógica sem contróle experimental que os inebria num teleologismo sedutor, é o fenómeno concreto da evolução progressiva que se revela no foro da consciência pelo imperativo sublime da aspiração igualitária, do sonho edénico. A adaptação orgânica verificável é a exterioridade do sonho, da aspiração, da quimera sensíveis. As asas da ave são o sonho da serpente. A ave de hoje é o réptil de ontem sonhando o Céu. As concepções quiméricas são a linguagem dum arranjo orgânico que as contém.*

*Na espontaneidade poética criadora não há deuses perfeitos porque não há homens perfeitos e os deuses são homens exponenciados.*

*Aqueles homens onde a Natureza adquire voz e fala amor, cria olhos e reza lágrimas, lábios e beija, ouvidos e escuta a harmonia do amor, são os santos, os profetas, os mártires, os apóstolos do Bem, os sonhadores do eterno ideal da simpatia cósmica, que lhes leva o coração, em estos inflamados, do homem à planta, à mulher, ao astro, à flôr, à criança. São os homens máximos, neles o anjo balbucia. Sim: o homeni vale pelo amor, pela maior quantidade de universo que disser em amor. Todos os seus gestos religiosos, poéticos ou científicos procuram a linguagem da Natureza, aspiram a piedade das coisas.*

*Pela experiência individual aprendeu o egoísmo na luta pela vida, pela experiência social aprendeu o altruísmo no amor do homem. Como ser finito, no livro da Natureza leu a contingência e só viu uma luta feroz de interesses, como ponto da órbita infinita da matéria eterna, traduziu o Universo em perfeição e teve a visão radiosa do progresso moral cósmico. No homem finito são elementos estáticos constituintes orgânicos, diferenciados nos seus estádios diferentes da evolução pelos caracteres mesológicos e etnológicos, o egoísmo (ou antes, um altruísmo débil, porque nos animais sociais não pode haver o egoísmo puro) e o altruísmo humanitário. Estas duas feições antagónicas são objectivadas no espírito do bem e no espírito do mal de todas as religiões, deus e o diabo. Entre estes dois polos oscila a animalidade humana.*

*Com esta indefinida série de possibilidades, vem o dinamismo da fenomenalidade exterior compor-se na determinação de todos os actos humanos.*

*Da existência única da consciência sensível destas dinamizações volitivas vem o estado, acima referido, da actual inconsciência da humanidade activa.*

*Na ponderação dos factores determinantes, forças componentes da actividade humana por uma consciência crítica, está a superioridade de alguns iluminados benditos, que pelo calvário das suas amarguras presentes riscam de sol a venturosa estrada da humanidade futura. É a posse dessa consciência moral, librandos acima de sanções postíças e ilusórias, que os determina em*

*actos de solidariedade e ternura, imunes sempre ao contágio leproso das infâmias legais, de preconceitos falsos, de idolatrias imbecis, de servilismos degradantes.*

*Nesta organização social, realizada pelo empirismo inconsciente de aspirações antagónicas, apenas um aparente equilíbrio físico é mantido pela violência da Lei, expressiva do egoísmo dos reis, das famílias ou classes privilegiadas. Daí os numerosos conflitos entre os actos morais que a consciência dita aos homens emancipados e os deveres imorais que a Lei impõe aos cidadãos legalizados. É o caso recente do pensador, jornalista e pedagogo Francisco Ferrer.*

*A Lei mandava-o ser delator carrasco, a consciência mandava-o ser homem piedoso e bom. O choque fez aquilatar da sua moralidade: traduziu-se em verdade porque foi honesto, revelou-se santo na imensidade do seu piedoso coração. A honra humana foi o crime oficial, a exaltação do homem foi a afronta da Lei. O gesto que revela o santo na consciência é o acto que o define criminoso no código.*

*E nós, humildes e grandes, sábios e ignorantes, todos os que amamos os homens, que temos na alma o fogo sagrado da solidariedade, ergamos a nossa voz num clamoroso grito de protesto; que, quando não seja a conquista da sua libertação, é pelo menos a bênção de todos os homens dignos que, chegu aos ouvidos do mártir num soluço de amorosa simpatia, numa prece de venturosa esperança. Todos os que no coração sentimos um amor candente e enternecido pela humanidade, temos o direito e o dever de ensinar aos homens a vida, de iluminar de bondade o coração do sábio hirto, que secou a alma na catalogação dos factos gerais dum muito particular e restrita visão do Universo.*

*Se o sábio pode dar-nos uma imagem da fenomenalidade dum parte da actividade, podemos nós dar-lhe a visão esplendorosa da vida infinita na concepção panteísta da afectividade universal. Falemos a todos com a eloquência do nosso amor e os homens hão-de ouvir-nos pelo muito que lhes queremos.*

*Jornalistas, homens de letras, médicos, advogados, engenheiros, filósofos, pensadores, em nome da liberdade do vosso pensamento, das carícias longínquas do vosso berço, da vossa misteriosa e ingénua quimera de crianças; poetas, operários e miseráveis, pelas vossas dores e pelas vossas aspirações, pelos vossos farrapos e pelo pão dos vossos filhos, pelos vossos sonhos espeznhados e soerguidos em ânsia libertadora, por toda a miséria, por toda a dôr, pela nobreza, pelo amor, pela justiça, pela liberdade, pela aurora redentora e pelas trevas da vossa escravidão, pelo que sofreis e pelo que vos amo; seja a vossa alma toda uma impetuosa torrente que atague e inunde em mares de ternura e piedade essa generosa vítima da lealdade e da honra, Francisco Ferrer, e nos seus rugidos de cólera e nos seus soluços de angústia leve à humanidade dolorida a crença na nossa união, a esperança num futuro praia-mar de amor, de bondade e de paz!!*

*Unamos as nossas vozes a esse côro de algumas, que, da generosa França, se ergue pedindo a liberdade de Francisco Ferrer.*

*Que todas as associações de literatos e jornalistas, professores e operários, médicos e advogados, comerciais, etc., todas as colectividades representativas da actividade humana dêem a esses heróicos combatentes, que da França e do mundo clamam justiça, o esforço de suas almas e esse santo humano, mártir do pensamento livre, há-de ainda e para já ver sorrir-lhe o bondoso Sol das suas manhãs doiradas!!*

*Lixa, Setembro de 1906.*

*Leonardo Coimbra.»*

### 3. Dois complementos deste último artigo

#### 3.1. O Caso Ferrer. O Norte. 1906 (2061) p. 1.

*«O ilustre académico e nosso prezado amigo e colaborador distintíssimo Leonardo Coimbra acaba de enviar da Lixa, onde se encontra passando as férias, ao Snr. Buisson, de Paris, uma mensagem de adesão ao movimento francês sobre o caso Ferrer, assinada por 50 cidadãos da vila da Lixa.»*

#### 3.2. Justiça e Liberdade. O Norte. 1906 (2074) p. 1.

Leonardo Coimbra, o nosso talentoso colaborador, envia-nos a seguinte carta:

*«Meu amigo — Peço-lhe a publicação no seu jornal, desta carta elucidativa do meu artigo — Justiça e Liberdade — publicado em artigo de fundo no número de terça-feira, 11 de Setembro.*

*Nesse artigo, por uma traição da memória, troco o nome do jornalista Nackens, a quem as minhas considerações eram dirigidas, pelo do também jornalista e pedagogo Ferrer.*

*Na mensagem por mim enviada ao Snr. Buisson e assinada por cinquenta cidadãos desta localidade desfiz o engano.*

*Aí, garantindo a adesão fervorosa a tudo o que de justo e humanitário se fizer por Ferrer e restantes acusados, protesto a maior admiração pela sublimidade moral de Nackens e a mais ardente revolta pela sua prisão legal, mas imoral.*

*O meu sentimento de justiça pede-a para todos os acusados, mas o culto é para esse sublime incompreendido e perseguido, que no calendário humano é o santo Nackens.*

*Seu amigo,*

*Lixa Leonardo Coimbra.»*

ÂNGELO ALVES

## Actas do I Congresso Espanhol de Filosofia Medieval: *Os limites da razão no pensamento medieval*

CONGRESO NACIONAL DE FILOSOFIA MEDIEVAL, 1º - *Actas*.  
Coord. Jorge M. Ayala. Zaragoza: Ed. Sociedad de Filosofía Medieval;  
Ibercaja, 1992. 520 p.

Revista Española de Filosofía Medieval. [Zaragoza: Sociedad de Filosofía Medieval; Servicio de Publicaciones de la Universidad de Zaragoza] 1993 (0). 286 p.

Talvez a característica mais profunda da filosofia medieval seja o lugar central que nela ocupam os textos, evoluindo em escuta atenta dos seus sentidos e implicações, na recuperação e transmissão de teorias, de conceitos, de métodos, de vivências. Esta importância dos textos não constitui um fechamento da filosofia sobre si mesma, mas o elemento mais poderoso de um processo firme de ampliação das expectativas de compreensão de *tudo* o que pode ser conhecido e do qual emerge o novo. Pode por isso dizer-se que, de algum modo, os textos são e delimitam o campo de legitimidade da «razão medieval». As leituras e interpretações ou manipulações a que os textos eram submetidos induziam nas teorias todo o tipo de soluções ou de problemas que hoje desafiam a curiosidade do historiador e do filósofo. A sede de textos, profanos ou religiosos, formalizados ou especulativos consumia-se em *leitura*, em *escuta pública*, em *escrita* numa busca imoderada da compreensão do mundo e dos segredos do divino. A apropriação do real perpassa os textos em que é interpretado e explicado, pelo que o texto é essencialmente um *mediador* de experiência, reflexão, conhecimento, ciência e sabedoria. Para o medieval os textos são o que permite interpelar o real por dentro, torná-lo discussão. Discussão essa que não poderá nunca ser compreendida na sua complexidade se não se tiverem também em conta os quadros históricos e institucionais em que decorria. Desta centralidade dos textos e da importância que neles assumia a questão teológica, tem-se retirado uma imagem de aparente homogeneidade e unidimensionalidade da produção filosófica medieval, que na realidade é um pensamento de contínuos renascimentos e rupturas, de tal modo que apenas por distração, facilidade de discurso, ou hábito podemos falar ainda de unidade da filosofia medieval.

Cada congresso sobre a filosofia medieval, dos vários que nesta segunda metade do século XX se têm sucedido, é bem o exemplo da pura diversidade de problemas, perspectivas e escolas, que caracterizam estes 10 séculos da idade do meio das civilizações mediterrânicas. Congressos estes que também permitem verificar ao vivo as sensíveis deslocações no modo de encarar o